

Para que servem os cursos de Jornalismo?

Andréa Aparecida da Luz*



PULITZER, Joseph. **A escola de jornalismo: a opinião pública.** Tradução de Jorge Meditsch e Eduardo Meditsch. Florianópolis: Insular, 2009. 3 v. (Jornalismo a Rigor). 136 p.

O livro “A Escola de Jornalismo”, escrito por Joseph Pulitzer em 1904, e traduzido em 2009 por Jorge Meditsch e Eduardo Meditsch, é uma defesa da criação da Escola de Jornalismo na Universidade Columbia e uma resposta do autor às objeções sobre a validade dessa iniciativa. Nele, o maior incentivador da criação da Escola de Jornalismo no século 20, fala de seu profundo desejo pelo sucesso de um projeto que levou 12 anos para ser aperfeiçoado e aceito pelos curadores daquela universidade. Um tema bastante atual, especialmente no Brasil. O que será que o autor pensaria sobre a decisão da Justiça brasileira sobre a não-obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão, divulgada 105 anos mais tarde? As questões principais levantadas por Pulitzer são muito úteis para discutirmos a situação brasileira.

A primeira crítica que Pulitzer rebate é a crença comum de que o jornalista deve ter aptidão natural para exercer a profissão. Para o autor, todo trabalho humano demanda treinamento e aprendizado formais, que vão além do método da tentativa e erro. De modo semelhante, defende que editores natos somente alcançam o sucesso porque se dedicam, de corpo e alma, e procuram treinamento de

* Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

forma autodidata para superar as deficiências de sua falta de formação. Assim, um sistema de instrução poderia economizar tempo e esforço para chegar aos mesmos resultados. “Toda a inteligência precisa de aperfeiçoamento. A mais alta se beneficia com ele, a inferior não tem chance alguma sem ele”. Da mesma forma, diz, o faro jornalístico nato poderá ser aperfeiçoado com o treinamento, para que o jornalista possa aliar seu instinto à capacidade de distinguir entre um destaque e uma matéria que apenas ajudará a vender jornal, levando em conta o interesse público.

De acordo com os opositores ao ensino formal do jornalismo, o caráter e a coragem moral não podem ser adquiridos. No entanto, para Pulitzer, se a coragem física pode ser ensinada (como nos treinamentos militares), porque a coragem moral também não o seria? Um editor poderia ser treinado para enfrentar os dilemas de sua função pelas lições e pelo exemplo de devoção inflexível ao que é correto e tais ensinamentos teriam lugar na Academia. A formação do jornalista na redação – defendida até os dias de hoje, por alguns setores sociais brasileiros que se mostraram a favor do fim da obrigatoriedade do diploma nessa área – é um ponto polêmico ao qual Pulitzer rebate com argumentos práticos e que parecem ainda mais válidos no cenário atual: “Ninguém numa redação tem tempo ou vocação para ensinar a um repórter cru as coisas que deveria saber antes de realizar o mais simples trabalho jornalístico. Não é isso o que os editores fazem.” A ideia de ambiente de trabalho como oficina já não era válida no início do século passado, pois até em profissões nas quais essa prática era tradicionalmente aceita – como no direito e na medicina – chegou-se à conclusão de que o ensinamento sistemático escolar é mais efetivo.

Quanto à crítica sobre a faculdade de jornalismo ser superficial, haja vista que o ensinamento necessário para o jornalismo é coberto por outras áreas, o autor a considerava superficial. Além de não acreditar que fosse viável para um jovem de 20 anos selecionar seu próprio currículo entre o extenso catálogo de disciplinas de uma universidade, enfrentando conflitos de horários para acompanhar as aulas, Pulitzer considerava as matérias de direito, história etc. de uma profundidade extrema, desnecessária para o trabalho do jornalista.

Se uma faculdade de jornalismo é possível, quais seriam as dificuldades para concretizá-la? Pulitzer aponta a falta de professores qualificados. Para ele, docentes de jornalismo deveriam ser editores com experiência, mas para isso seria preciso afastá-los de sua atividade profissional, o que ocorre em geral no auge da carreira. A solução seria apelar para o amor à profissão, sugere o autor, mesmo em uma época em que ele já identificava a ausência de uma consciência de classe e orgulho pela profissão. Seria isso possível nos dias atuais? E mais, ainda teria fundamento a concepção de Pulitzer de que o currículo para o curso de Jornalismo não deva incluir o estudo da administração comercial de um jornal (circulação, publicidade e os setores industrial e financeiro), conforme proposto na época pelo reitor Charles W. Eliot, da Universidade de Harvard?

Atentemos um pouco mais sobre a visão romântica e ideologizada de Pulitzer a profissão: “Um jornalista é o vigia da ponte de comando do barco do Estado. Ele percebe uma vela que passa, as pequenas coisas interessantes que pontuam o horizonte quando o tempo está bom. Ele avisa sobre o nadador à deriva que o navio pode salvar. Perscruta através da neblina e da tempestade para avisar dos perigos adiante. Não fica pensando em seu salário ou nos lucros dos proprietários. Está ali para zelar pela segurança e pelo bem-estar das pessoas que nele confiam”.

Reduzir as funções do jornalista ao que tradicionalmente lhe coube no passado é uma visão um tanto estreita para os dias atuais. Como podemos conceber um jornalista que não consiga manejar equipamentos tecnológicos de edição de fotos, vídeos, áudios e que não possua ao menos uma noção dos tipos de conteúdos possíveis para os meios e suportes que estão surgindo? Como um jornalista poderia não ter pelo menos a curiosidade de saber qual posição sua empresa ocupa no mercado, quais são as metas de quem a dirige e que o que move a concorrência não é mais a disputa pela informação, mas sim pela atenção do leitor? Disso dependerá também as perspectivas de seu crescimento profissional. As especializações continuam existindo: um correspondente internacional não pode encarar seu trabalho de apuração como um negócio, mas um editor-geral responsável por toda uma redação, sim.

O ensino pelo exemplo – daquilo que é correto e bom e do que é errado ou ruim – parece ser a sugestão de Pulitzer do método a ser adotado nos cursos de jornalismo. Pelo menos no que se refere à moral, à ética e ao estilo: “Os bons jornalistas moldam seus próprios estilos gradualmente, pela observação e pela prática. Eles não podem nunca deixar de lado esta necessidade pela imposição a eles de um estilo pré-programado. Mas não poderiam ser ajudados em sua busca por um curso que mostrasse sistematicamente do que o jornalismo precisa, ilustrado por exemplos de bons e de maus trabalhos?”.

Com a frase “Dêem-me um editor de notícias bem formado, que domine os fundamentos da precisão, tenha amor à verdade e vocação para o serviço público e não haverá problemas com a obtenção do noticiário”, o autor parece contradizer o que vem defendendo desde o início do texto. Então, seria necessário ter vocação para ser editor? Em minha opinião, editar é uma função que se aprende, e se isso puder ocorrer na universidade, tanto melhor, desde que seja ensinada também por editores experientes.